

FILÓSOFOS AFRICANOS NA ERA GRECO-ROMANA

Dismas A. Masolo

MASOLO, Dismas A. African Philosophers in the Greco-Roman Era. In: WIREDU, Kwasi (ed.). **A companion to African Philosophy**. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell, p. 50-65, 2004. Tradução para uso didático por Luk Noah Ferreira Emerick Roig Cavalcante.

Os movimentos intelectuais e textos influentes que definiram o que posteriormente seria conhecido como o período Patrístico na história do pensamento cristão foram moldados pelas realidades socioculturais e políticas da interferência entre várias tradições culturais mais velhas no norte da África e a nova fé cristã. Da antiguidade, o norte da África tem sido lar para vários povos autóctones africanos como os Berberes, mas também era um quintal para a política imperial romana e as tradições intelectuais gregas. Em acréscimo a isso, o norte da África também era o local de tradições do judaísmo trazidas por imigrantes judeus da antiguidade. Todas essas tradições foram ricamente refletidas nos vários movimentos intelectuais e escolas que emergiram no norte da África antes e também dentro do período medieval da era cristã.

A cristandade emergiu como ponto culminante da história e tradição profética judaica, como a perfeição e consumação da história universal. Sua postura, porém, foi uma de superioridade sobre todas as outras tradições. Doutrinariamente, emergiu como um sistema prático, um modelo de vida revelado ao invés de um sistema ou teoria de conhecimento o qual era considerado como mundano e carente de verdade. No contexto norte africano, o mundanismo dos sistemas seculares de pensamento e os meios de vida derivados deles eram considerados pelos fiéis cristãos como sistemas de crença pagãos cujos adeptos eles pretendiam conquistar e converter. Claramente, ainda que a cristandade tenha triunfado nesta busca, os principais artífices de suas doutrinas assimilaram os métodos e várias das ideias da retórica e filosofia grega e romana. No entanto, esse triunfo veio apenas como um resultado de muitos anos de luta e crescimento. A cristandade começou dentro do vasto império romano como apenas uma de várias seitas da época, todas competindo pelo reconhecimento contra e resistindo à perseguição vinda de crentes de vários cultos astrológicos, divinatórios e inúmeras outras formas de cultos religiosos da época. Do quarto século para a frente, a cristandade estava na ofensiva e os outros sistemas de crenças e práticas culturais em retirada e declínio de resistência.

O corpus de hoje das doutrinas aceitas da fé cristã é um resultado de muitos séculos de desenvolvimento e revisão. Nestes processos, a necessidade de formulações definitivas foi motivada pelo desejo de proteger os artigos de fé da confusão entre os crentes e de crenças seculares e teorias discordantes, e finalmente, de ataques de não-crentes. Ao fazê-lo, parte do objetivo de vários concílios e sínodos nos quais doutrinas específicas foram estabelecidas para a Igreja universal era apresentar a fé cristã como uma compreensão homogênea e racional da relação dependente da realidade criada para o divino. No que prenunciava métodos missionários posteriores na África subsaariana nos séculos 19 e 20, a difusão do cristianismo na África greco-romana esteve intimamente ligada ao controle do conhecimento através de um sistema de educação introduzido como uma ferramenta de evangelização. No período inicial e tardio, parte do resultado dessa configuração institucional era que o cristianismo ou dependia de, ou era causado por, uma ascensão de uma classe educada e privilegiada na sociedade.

Em Alexandria e outras importantes cidades do mundo greco-romano, havia uma elite solidamente educada anterior a chegada do cristianismo. Esse tipo de pessoal tem sido o pilar da sobrevivência da igreja através dos séculos. Esta ligação tem sido verdadeira desde a conversão de Constantino. A educação, o ensino superior em particular, foi confinada a uma minoria privilegiada economicamente. Outra notável semelhança entre os dois períodos é que uma das expectativas subjacentes ao controle da educação pela igreja e aos sistemas escolares era fazer com que os novos e bem instruídos convertidos escrevessem em defesa da nova fé contra as tradições culturais locais das quais eles próprios haviam surgido. De fato, era comum que escolas doutrinárias, incluindo seitas religiosas, contassem com o apoio intelectual de estudiosos renomados como meio de legitimar seus ensinamentos. Entre os cristãos, tais apoiadores, muitas vezes convertidos, passaram a ser conhecidos como apologistas, e pode-se dizer que seus escritos geralmente caracterizam as obras de pensadores africanos da época como Orígenes (185-253), Tertuliano (c.115-c.240), e, sobretudo, Santo Agostinho (254-430). Plotino (204-70), que nasceu no Egito, também pertenceu a este período e escola, embora historiadores frequentemente sejam rápidos em apontar sua ancestralidade greco-romana.

Como Plotino, Hipátia (c.370-415), uma das primeiras filósofas ocidentais registradas, também era uma filósofa grega nascida em Alexandria. Parece que, a partir informes e relatos históricos, embora ela estivesse primariamente fundamentada em matemática e astronomia, como seu pai, sua orientação filosófica geral envolveu o

Neoplatonismo de seu tempo. Suas explicações dos sistemas de Platão e Aristóteles aparentam ter sido populares. Por ter sido a primeira figura feminina conhecida na prática profissional da filosofia, Hipátia parece ter sido pioneira na conquista diante do que eram preconceitos tradicionais contra as mulheres. Além disso, por sua castidade, ela lutou com sucesso contra a representação sexual das mulheres. Primariamente, por estas razões, a memória de Hipátia se tornou uma fonte e um símbolo de inspiração para o movimento feminista moderno. Para os historiadores, ela foi assassinada por razões não muito bem determinadas. Em celebração a sua relevância histórica, a revista *Hypatia*, nomeada em sua homenagem, se tornou o periódico de filosofia com mais visibilidade e autorizado dedicado a questões ligadas a gênero a filosofia social.

Outra personalidade notável com raízes intelectuais em Alexandria foi o filósofo judeu Fílon, geralmente conhecido por alguns como Philo Judaeus (c.20 aEC – 40), e por outros como Fílon de Alexandria. Seu pensamento se desenvolveu a partir de uma tentativa de fundir o pensamento judeu com elementos da filosofia grega na diáspora. Algumas notáveis personalidades africanas dessa época, embora de menor renome intelectual do que Orígenes, Tertuliano ou Agostinho são Cipriano (nascido provavelmente em Cartago entre 200 e 210), um famoso retórico e especialista em eloquência que foi influenciado por Tertuliano a subir na hierarquia da Igreja para se tornar bispo de Cartago em 248 ou 249; Arnóbio, outro apologista; e Lactâncio, também um retórico erudito e apologista que ensinou (Crispo, o filho mais velho do imperador Constantino, antes que a perseguição o forçasse a abandonar estas funções. Ele fora discípulo de Arnóbio.

Alexandria era também o local da tradução, por estudiosos judeus, do Antigo Testamento conhecido como o *Septuaginta*. A alegoria exegética de Fílon e sua doutrina do Logos como a revelação externa da “ideia” de Deus e como mediador entre Deus e o mundo exerceu uma influência poderosa na teologia cristã dos primeiros séculos. Geralmente, a presença judaica nesse ambiente intelectualmente rico facilitou o entrelaçamento, pelas populações locais, da ideia monoteísta e também de alguns dos ritos que, posteriormente, se tornariam símbolos importantes de sua conversão à cristandade.

A Escola de Alexandria

Alexandria, a segunda maior cidade no império romano, era um centro de aprendizado bem conhecido. Era habitado e também frequentemente visitado por notáveis estudiosos e pensadores da antiguidade e refletiu muito do pelo que o mundo pagão da civilização greco-romana era conhecido: poesia, retórica, filosofia, astronomia, matemática, física e arte. Era também a sede do império romano no continente africano, e assim era conhecido pela lei e organização política. No domínio filosófico, Alexandria apresentou muitos dos movimentos filosóficos neoplatônicos que caracterizaram as eras clássica e medieval: hedonismo, estoicismo e gnosticismo. Na virada do segundo século, Alexandria tinha se tornado um notável centro de estudos teológicos, ali havendo surgido uma escola catequética que funcionava como a Academia Cristã e cujos principais afiliados incluíam Titus Flavius Clemens (também conhecido como Clemente de Alexandria) e Orígenes. Mas como estes pioneiros comumente trabalhavam sob condições muito precárias, impostas tanto pelas perseguições anticristãs de fora da Igreja quanto pelas possíveis acusações de heresia oriundas das ainda incertas interpretações doutrinárias dentro da Igreja, seus cargos eram ameaçados constantemente. Assim, por exemplo, Clemente, que foi um dos primeiros diretores da escola catequética de Alexandria, foi forçado a fugir durante a perseguição de Sétimo Severo. Ele foi sucedido por Orígenes, que foi deposto do cargo depois de 28 anos por, supostamente ter recebido Ordens Sacras irregularmente e ensinar heresia. Orígenes é indiscutivelmente o teólogo mais influente da Igreja primitiva e o teólogo mais importante de toda a Igreja, antes de Agostinho.

Orígenes

Orígenes nasceu em Alexandria em 184 ou 185 em uma família cristã autóctone, e foi uma vítima de violência anticristã no início de sua vida: seu pai Leônidas se tornou uma vítima de perseguição quando Orígenes tinha apenas 17 anos. O próprio Orígenes foi, mais tarde, capturado e torturado por suas crenças, durante a perseguição de Décio.

Várias coisas definem Orígenes como um Africano. Primeiro, eminentes historiadores e comentaristas do seu tempo referem-se a ele como “o Africano”, como fizeram com Clemente, Tertuliano, Agostinho, Cipriano, Arnóbio e outros estudiosos africanos. (Veja, por exemplo, Döllinger 1840: i. 40ff.) Isso sugere que Orígenes era ou um púnico ou um berbere, como Agostinho (Ferguson 1969: 184). Em segundo lugar,

referências, em fontes sobre o início de sua vida, até seu domínio da filosofia e linguagem grega como um sinal de seus antecedentes familiares ricos, o que não seria assim se ele fosse grego, indica que ele era um estrangeiro para a cultura grega. Além disso, o fato de ele ter escrito em latim, a língua preferida dos intelectuais africanos da época, ao invés de grego, como fizeram os romanos, intelectuais judeus e os próprios gregos, parece confirmar esta visão. Em terceiro lugar, aprendemos que ele foi expulso de Antioquia, para onde havia ido a convite de Julia Mamaea, mãe do imperador Alexandre Severo, quando todos os egípcios foram expulsos da cidade. A experiência do assassinato de seu pai deixou uma marca profunda nele e se manifestaria de duas maneiras futuramente em sua vida: sua defesa do martírio corajoso e seus argumentos contra os hereges.

Aos 18 anos, Orígenes tornou-se professor na escola catequética onde ele mesmo havia estudado, tornando-se tão famoso lá que teve discípulos entre crentes e não crentes. Sua fama intelectual se espalhou pela região mediterrânea, se estendendo tão ao leste quanto em Cesareia na Palestina, onde ele mais fundaria uma escola teológica. Orígenes é popularmente lembrado por sua interpretação literal de Mateus 19: 12, e sua automutilação em consequência disso, mas seu significado na história da Igreja reside em seus escritos teológicos. Como Clemente, e em contraste com Tertuliano, Orígenes acreditava, possivelmente sob a influência de Filon, que a filosofia ocupou um espaço especial na história, como um meio de educar os pagãos para Cristo. Essa atitude em relação à filosofia foi a fundação do neoplatonismo cristão, que, mais tarde, influenciaria também Agostinho. Orígenes era um aprendiz ardoroso que faria qualquer coisa para dominar o que ele considerava ser importante para o entendimento dos problemas de seu tempo. Ele é descrito como tendo estudado com Amônio Sacas, que fora professor de Plotino. Em outro momento, provavelmente por volta de 212, colocou-se sob a tutela de um professor para aprender hebraico para que ele pudesse combater melhor os judeus ortodoxos. As obras de Orígenes representam a trajetória não herética do movimento gnóstico. Seus escritos foram divididos em várias categorias que refletem seus objetivos originais: exegeses (comentários) sobre as Escrituras; *skalia* ou *Didaskalikos* (notas breves) sobre passagens bíblicas especialmente difíceis ou obscuras; e homilias (sermões).

A principal obra de Orígenes continua sendo *De principiis* (Sobre os primeiros princípios), que é uma apresentação abrangente do dogma cristão. Consiste em quatro livros que tratam de Deus, da Trindade e dos Anjos (I); da criação, do homem e da redenção (II); livre arbítrio e o conflito entre o bem e o mal (III); e das Escrituras Sagradas

e seu significado somático, moral místico (IV). Ele se baseou em Platão ao ensinar a pré-existência das almas. O mundo visível presente, ele argumentou, foi precedido por um mundo de espíritos perfeitos (*naturae rationabiles*) que abusaram de seu livre arbítrio por se afastarem de Deus e, portanto, foram exilados na matéria, que foi criada justamente para este propósito. Os anjos receberam corpos muito refinados de forma esférica (as estrelas), enquanto os homens receberam corpos de animais e os demônios, corpos invisíveis e medonhos. Ele ensinou que a criação deve ser um ato externo, pois a onipotência e bondade de Deus devem ser constantemente manifestadas. Isto, como sabemos, é contrário à então vigente teoria teológica, segundo a qual a perfeição divina impossibilita a separação oposicional entre interioridade e exterioridade na natureza e ação divinas. O mundo material, ele sustentava, chegaria a um fim e os corpos dos humanos ascenderiam novamente como espíritos puros para que, no final, eles sejam como eles eram no início, inaugurando a restauração de todas as coisas ou *apokatastasis*. Segundo a teoria de Orígenes, esse processo, contrário à crença ortodoxa na existência do inferno, seguiria indefinidamente, um mundo seguindo o outro, sem fim.

As doutrinas de Orígenes parecem ter raízes culturais e históricas muito mais profundas do que seus compromissos com elas, pelo bem do cristianismo. Muito antes do cristianismo, haviam várias narrativas míticas rivais, sobre a origem do mundo, chamadas, pelos historiadores daquele período, de “mistérios”. Algumas dessas foram recebidas por vários grupos gnósticos e pessoas como Orígenes devem ter tomado conhecimento desses ensinamentos. Um desses grupos era conhecido como Ofitas, que, de acordo com Döllinger (1840: i. 138), existia antes do cristianismo e devem ter sido conhecidos por Orígenes no Egito. Uma das teorias deles era similar à teoria da *apokatastasis* de Orígenes. Os Ofitas ensinaram que havia uma alma universal de onde todas as coisas fluíram, e para onde todas as coisas retornariam novamente. É óbvio que esta teoria combinou elementos das doutrinas de criação e imortalidade, anexando à mais recente subdoutrina da ressurreição. Outra escola filosófica dos Gnósticos, a liderada por Capócrates e seu filho, Epífanes de Alexandria, ensinou algo semelhante também, afirmando que todas as coisas surgiram de Monas, o pai de todos os seres e fluíram de volta para o seu seio. (Lendas egípcias a respeito da origem da imortalidade, considerada por historiadores como provavelmente um dos mais antigos desenvolvimentos de religião egípcia, são reunidas na forma de mitos sobre o deus Osíris¹). De acordo com os seguidores de Capócrates, o mundo

¹ Veja, por exemplo, Baikie, 1926: 325-63. A curiosa lenda de Osíris conta que, após sua morte, sua esposa Isis concebeu durante seu luto, levando ao nascimento de seu filho Hórus, que ela teve que

visível foi formado por espíritos ambiciosos que haviam se rebelado contra Monas. Para alguém se libertar do controle de Monas, todos tem que adquirir conhecimento sobre ele, e isto é o que dá liberdade. Para eles, isso era o significado do termo ou nome “Jesus”, isto é, “A verdade te libertará” (Döllinger 1840: i. 139). Parece que muitos elementos de crenças e práticas autóctones religiosas não estavam apenas em competição com a nova religião cristã mas também emprestou a ela alguns de seus conceitos-chave. Historiadores concordam que o tipo de sincretismo que nós observamos recentemente nas tentativas etnoteológicas de fundir elementos concordantes de crenças tradicionais africanas com aqueles do cristianismo ocorreram na virada do primeiro milênio também. Döllinger escreve assim:

As ideias e dogmas da religião do povo no oriente [o egípcio, fenício, persa e budista] foram novamente despertados, e ali apareceram homens que, preenchidos com estas ideias, com as doutrinas do cristianismo e, em particular, com a doutrina da redenção, foram levados por um entusiasmo a misturarem o novo com o antigo, para ilustrar um pelo outro e para formar deles um sistema de maior sabedoria e conhecimento religioso (Döllinger 1840: i. 123).

Na verdade, muito da influência das tradições sobre como pensamos geralmente ocorre um tanto inconsciente quanto inevitavelmente. É, portanto, razoável pensar que muitos elementos dos costumes autóctones, atividades e práticas cotidianas ou sazonais dos povos do norte da África possam ter encontrado seu caminho, por meio de adaptação, para dentro das concepções do cristianismo à medida que pensadores africanos se esforçaram para sistematizar crenças cristãs em um organizado e coerente sistema de pensamento. Isto aconteceu em outros lugares também, como historiadores nos lembram².

proteger da ira do irmão ciumento, e assassino de Osíris, Set. Ao redor da lenda Osíris podemos encontrar várias semelhanças com o que mais tarde constituiriam vários aspectos cruciais das crenças cristãs, incluindo a ressurreição de Osíris e ascensão ao céu; e também a doutrina do julgamento após a morte. Mais tarde, os faraós foram identificados com Osíris e acredita-se que foram ressuscitados para a vida novamente na pessoa de deus. Esta doutrina de ressurreição e imortalidade foi, finalmente, estendida universalmente para todos os humanos, assim expressando a visão de que todos os humanos eram imortais apenas se observassem os ritos religiosos estabelecidos. Como seria esperado, estas crenças mais tarde influenciaram mudanças nas formas de sepultamento, incluindo a mumificação, especialmente para os reis e outras pessoas da nobreza. Outro texto instrutivo sobre as concepções egípcias antigas da vida após a morte é de Erik Hornung 1999b.

² Ver, por exemplo, Ferguson 1970: 237-40 sobre as origens do que hoje é considerado primariamente festivais cristãos, incluindo os principais como Natal, Páscoa, o Dia de Finados. Ele também menciona a adaptação da representação de Isis-Hórus na figura cristã da Virgem com o Menino.

Até (mesmo) o conceito da tríade divina, ou Trindade, parece ter raízes em clássicas crenças egípcias, que refletiam o conceito das pessoas dos deuses em famílias ou grupos. Talvez esse agrupamento de deuses tenha resultado de um longo processo de tentativas de fundir os deuses das populações rurais com aqueles dos habitantes das cidades, à medida que as pessoas migraram para as cidades trazendo estilos de vida agrícolas, nômádicos e pastorais de fora (Baikie, 1926: 332-3). Enquanto é conhecido que o judaísmo era uma tradição monoteísta, os egípcios nunca tiveram poucas opções de deuses e deusas para adorar. Mas à medida que cidades eram formadas e populações eram fundidas, o número de deuses se tornou menor, porque eles também foram fundidos em famílias. Gradualmente, esta “evolução social” dos deuses levou à concepção deles como uma unidade na pluralidade. Para os egípcios, isto pode ter sido um processo natural (Hornung, 1982)³. Dados que alguns dos temas de Orígenes são conhecidos por terem aparecido em textos egípcios, influências egípcias sobre a questão da Trindade não podem ser descartadas.

Sobre a questão da natureza de uma pessoa também, embora Orígenes acreditasse na tripartição platônica da personalidade, sua teoria geral tinha afinidades com as práticas egípcias de aproximar a natureza humana à da divina. Deste modo, não surpreenderia que Orígenes visse na natureza humana o reflexo da divina trindade e um elemento da doutrina da *Apokatastasis*. Às vezes, sua teoria da personalidade é pensada como tendo sido influenciada pela carta paulina aos Tessalonicenses (5: 23) ao invés de pela teoria platônica tripartite da alma. É, de qualquer forma, provável que São Paulo, um homem erudito de letras gregas, também tenha sido influenciado por elementos platônicos do pensamento grego que eram amplamente conhecidos e influentes. Afinal, a razão de São Paulo ter se tornado o “Apóstolo dos Gentios” foi sua qualificação e fama como uma pessoa bem versada em pensamento grego e lei romana (Bihlmeyer, 1968: 52-8). Suas cartas, chamadas de Epístolas, eram, como os Evangelhos, todas escritas em grego e incorporavam um esquema similar ao de Fílon de Alexandria, que era seu contemporâneo. Basta lembrar que São João, como Fílon, encontrou no Logos um conceito útil e identificou Jesus como o Logos em um corpo humano. Assim, Orígenes poderia muito bem estar ciente de todas estas fontes.

³ Em outro trabalho, Erik Hornung chama as antigas teorias que reivindicam uma tradição monoteísta do antigo Egito de questões de conjectura às quais seria melhor deixar “definitivamente para a 'história' das ideias...” (1999a: 90).

Em todo caso, Orígenes teorizou que uma pessoa era composta de corpo (*soma*), alma (*psyche*) e espírito (*pneuma*), esse último sendo pensado, na época de Orígenes, especialmente pelos Gnósticos, como um elemento espiritual que era diferente da alma (*psyche*). Pode, talvez, ser aproximadamente comparado ao que tem sido chamado de “força vital” em textos metafísicos africanos mais recentes. Conforme, por exemplo, explicado por Tempels (1959) e por Griaule (1965), a “força vital” é concebida como um elemento na constituição composta de uma pessoa que anima e individualiza ele ou ela. Muitas explicações africanas da personalidade incorporam tal conceito. O que às vezes entra em discussão é se tais explicações apontam para a existência de um elemento separado do corpo, ou meramente para uma faculdade ou capacidade do complexo sistema orgânico do corpo. Seja como for, para Orígenes, o *pneuma* era não apenas um elemento do composto humano; ele o transcendia e participava do espírito divino.

Ao avançar esta visão, Orígenes estava fundando a visão cristã de pessoa e de história. Em particular, ele foi pioneiro na concepção da vocação sobrenatural dos humanos como sendo “aquilo que é orientado para e participativo na natureza divina”. Tal posição obviamente colocou Orígenes diretamente contra algumas correntes filosóficas de seu tempo, especialmente o epicurismo para o qual, de acordo com ele, era a vergonha da filosofia e uma forma de verdadeiro ateísmo. Pode ser notado aqui que, em muitas explicações africanas da personalidade, acredita-se que o elemento que dá vida, que constitui certos sistemas de antecedentes biológicos em pessoas vivas vem diretamente de Deus e é uma partícula da própria substância divina por si só. Assim, para vários povos africanos que sustentam essa visão, não é por acaso que colocam grande valor no casamento e procriação. Para eles, fugir destes deveres é rejeitar a responsabilidade humana básica para atualizar a ordem divina das coisas pela qual humanos participam no cumprimento da criação. Orígenes poderia estar trabalhando com uma concepção africana generalizada de realidade e personalidade, em particular.

A questão da Trindade não era, portanto, nova para os tempos de Orígenes, mas reconciliar o antigo modo de pensamento sobre as relações entre divindades com o novo e assertivo monoteísmo cristão deve ter sido problemático. Novamente, podemos assumir que o mesmo padrão de pensamento usado para reconciliar divindades rurais e urbanas no pensamento egípcio foi usado para reconciliar a ideia divina importada pelos portadores do evangelho com as divindades egípcias dominantes, um tipo de trégua em que Deus seria um, mas ainda poderia administrar uma manifestação em uma tríade.

Como/na medida que africanos, como Orígenes, foram absorvidos pelo rebanho cristão, eles trouxeram consigo seu deus ou deusa local, e, assim como era a prática dos egípcios, diz Baikie (1926: 332), “era necessário achar um lugar para sua divindade ao lado do grande deus da maior comunidade, e assim ali cresceu uma espécie de família divina da cidade, que, por alguma razão, era geralmente organizada como uma tríade ou trindade⁴. O poderoso deus da cidade, que era a comunidade maior e envolvente, era considerado ser superior aos deuses de comunidades menores. A noção de desigualdade entre os membros da nova família divina ocorre nos ensinamentos de Orígenes. De fato, a sistematização teológica da doutrina da Trindade foi feita por apologistas pioneiros africanos. Orígenes ensinou que as duas “pessoas inferiores” da Trindade eram subordinadas à primeira, o Pai. O *Logos* ou palavra era subordinado ao Pai, e o Espírito Santo ao *Logos*, “e imediatamente abaixo do Espírito Santo estão os espíritos criados, que, pelo poder do Espírito Santo, são elevados a tornar-se filhos de Deus, em união com o Filho e são, finalmente, participantes na vida divina do Pai” (Copleston, 1985: vol. II, 28). Alguns dos elementos destas visões foram posteriormente incorporados à doutrina cristã. Por exemplo, a doutrina da restauração de toda criação a Deus se tornou parte da doutrina da imortalidade da alma e da ressurreição no fim dos tempos. Mas, geralmente, estas visões não agradaram os líderes da época e foram condenadas como heresias, primeiro por Justiniano, em 543, e, depois, pelo Concílio de Constantinopla em 553.

Tertuliano de Cartago

Tertuliano de Cartago teve um contexto e abordagem diferentes dos de Orígenes. Filho de um pagão que era funcionário do governo na corte, na cidade capital de Cartago, um subúrbio da atual Túnis, no norte da África, Tertuliano teve o que era considerada uma educação boa e abrangente na época. Ele foi se formou como jurista e praticou a advocacia em Roma, e é dito que foi altamente habilidoso em refutar heresias gnósticas e outras doutrinas anticristãs. Não se sabe quando ele se converteu ao cristianismo, mas acredita-se que ele já era cristão em 197, quando escreveu seus dois primeiros tratados apologistas, *Ad nationes (Aos Pagãos)*, e *Apologeticum*. A descendência africana de Tertuliano é

⁴ Provavelmente se faz referência aqui à transformação social, que ocorreu tanto antes e como um resultado da ação colonizadora romana de forçar pastores africanos e comunidades nômades em estilos de vida sedentários em cidades e vilas agrícolas. Esse processo social resultou no encontro e mistura de diferentes crenças e práticas costumeiras, incluindo crenças e rituais religiosos.

identificada por historiadores tanto por seu estilo literário quanto por seu ódio por qualquer coisa grega. Seu *Adversus Judaeos* (*Contra os Judeus*), escrito para provar que Jesus era o Messias, claramente indica que ele não era judeu. A ele credita-se ter escrito a primeira obra teológica sistemática cristã, e com a invenção de uma tão distinta, e agora aceita terminologia filosófica em latim, como em *substantia*, *persona* e outras, todas provas de sua influência substancial na história do pensamento filosófico e teológico cristão.

O corpus geral de suas obras pode ser dividido em três categorias: polêmico-doutrinário, prático-disciplinador e montanista. Ele é amplamente considerado o primeiro escritor cristão de grande significado teológico. Aquelas de suas obras que se enquadram na primeira categoria incluem *De testimonio animae* (*O Testemunho da Alma*), em que ele defende a universalidade da crença em um Deus como evidenciado pela consciência humana, e *Ad Scapulam* (*Para Escápula*), em que ele direciona sua atenção ao Representante Romano (Proconsul) que voltou a perseguir os cristãos nos anos 212-213. Seu *De carne Christi* (*Sobre a carne de Cristo*) e *De resurrectione carnis* (*Sobre a ressurreição da Carne*) são especialmente notáveis por suas críticas a duas teses dos Gnósticos, a saber, a doutrina de que o corpo de Cristo era apenas um corpo “aparente” e a rejeição da ressurreição do corpo. Outras obras notáveis são *De praescriptione haereticorum* (*A prescrição dos hereges*), *Scorpiace*, *De anima* (*Sobre a alma*), e *De baptismo* (*Sobre batismo*), em que, como os títulos sugerem, ele alterna entre atacar os hereges e defender sua doutrina escolhida.

Os trabalhos da categoria didático-pastoral abordam principalmente o tipo de conduta esperada dos fiéis, e particularmente dos líderes da Igreja da época. Eles concentram-se em questões de moral e conduta disciplinada e incluem, por exemplo, *De verginibus velandis* (*Sobre as virgens veladas*), *Ad martyras* (*Aos mártires*), *De oratione* (*Sobre oração*), *De paenitentia* (*Sobre penitência*), *De patientia* (*Sobre paciência*), e *De monogamia* (*Sobre monogamia*), entre outras. Finalmente, enquanto não é conhecido com alguma certeza quais foram as causas do desvio de Tertuliano em direção ao montanismo, é suspeito que a inveja e insultos (*invidia et contumeliae*) direcionados a ele pelo clérigo romano pode o ter conduzido a se associar aos montanistas. Estes foram seguidores de um movimento para o qual certas formas se assemelham com as atuais Igrejas Pentecostais. A fé deles incluía reivindicações de uma forma de profetismo, envolvendo a habilidade de falar em línguas. Ainda mais surpreendente, pregaram a iminente segunda vinda de Cristo

e prometiam a libertação dos crentes para um reino celestial, distante das atuais atribuições. À luz do fato de que surgiu durante os tempos árdios sob o governo de Marco Aurélio, este movimento pode ainda ser comparado aos movimentos independentes mais recentes da Igreja na África, durante o domínio colonial e o controle de todas as questões de fé pela Igreja missionária. De qualquer forma, a abordagem rigorosa de Tertuliano encontrou alguma ressonância com alguns aspectos do movimento montanista, especialmente seu modo de vida, que considerava qualquer coisa medíocre com severidade impiedosa. Em oposição ao estoicismo, Tertuliano havia defendido a visão de que a ética evolui com autodisciplina rigorosa e a observação implacável da lei moral. Desse modo, ele adotou uma abordagem para a ética semelhante àquela de Kant. Mas esta abordagem rapidamente o colocou em desafino com as posições originais e estrutura do montanismo. Uma complicação adicional era que os líderes fundadores do movimento montanista haviam incluído duas mulheres, Priscilla e Maximilla. Para Tertuliano, as mulheres não eram qualificadas para exercer nenhum ofício sacerdotal, nem deveriam ser permitidas de ensinar ou falar em adoração divina. Mesmo que elas possuíssem o dom da profecia, seu uso deveria ser confinado a declarações privadas. Além disso, ele repudiava a ideia escatológica montanista original de uma descida iminente de uma Jerusalém celestial. Assim, mais tarde ele desertou e reingressou ao corpo principal da Igreja.

É frequentemente dito que, diferente de Orígenes, Tertuliano não acreditava que o conhecimento filosófico fosse útil para a fé, uma observação que, se verdadeira, explica porque algumas pessoas descreveram Tertuliano como anti-filosófico ou anti-racionalista. O suporte para essas observações, muitas vezes, deriva da agora clássica frase em *De carne Christi* (5, 4): “*credo quia absurdum* (eu creio no que é absurdo)”, que prefigura o posterior “*credo ut intelligam*” de Santo Anselmo e, em tempos ainda mais recentes, a definição de fé de Søren Kierkegaard como a aceitação daquilo que a razão rejeita como absurdo. Comentando uma passagem da Bíblia (I Cor. 1: 27-8) em relação ao sistema platônico, Tertuliano certa vez observou que “era difícil encontrar o criador e pai do universo, enquanto o cristão mais simples já o encontrou” (Copleston, 1985: ii. 23). Alguém pode lembrar também a pergunta frequentemente citada de Tertuliano: “O que Atenas tem a ver com Jerusalém?” Ele desenha uma posição oposta entre cristianismo, por um lado, e filosofia e heresia, por outro. A verdade e o conhecimento de Deus poderiam ser alcançados apenas através de revelação, pelo reconhecimento da grandeza das obras de Deus. Ele associou a filosofia com as heresias dos gnósticos que eram herdeiros da filosofia grega.

No entanto, apesar dessa aparente descrença em relação à filosofia e, em particular, sua afiada crítica da influência estoica sobre seu adversário Marcião, o próprio pensamento de Tertuliano tinha seus aspectos filosóficos, e esta filosofia era difícil de separar do materialismo estoico. Ele teorizou que tudo que existe tem uma existência corpórea. Por isso, Deus também era um ser corpóreo. No entanto, ele argumentou que a natureza corpórea de Deus era a *sui generis in sua effigie* (de sua própria espécie proporcional)⁵, sendo simultaneamente corpo e espírito. Sua posição sobre a natureza corpórea de outras substâncias, como a alma, a do destino da alma na vida após a morte, lançou alguma dúvida sobre se Tertuliano era um materialista em um sentido direto e deliberado. A ambiguidade criada pelo fato de que ele mantinha tais opiniões enquanto também se opunha ao materialismo de seus oponentes levou à sugestão de que o materialismo aparente em seus próprios escritos era o resultado da clareza inadequada de sua linguagem, pelo o que ele provavelmente quis dizer coisas completamente diferentes. Entende-se, no entanto, que a posição de Tertuliano era um caminho do meio entre o materialismo e o dualismo padrão. Ele pode ser considerado como entendendo a alma como não totalmente, mas parcialmente material. Neste sentido, talvez não seja descabido especular sobre a possibilidade de uma influência inconsciente autóctone africana em seu pensamento, uma vez que tais concepções são básicas para muitas ontologias africanas⁶. Pode-se notar ainda que, em complemento a esse aparente materialismo, Tertuliano argumentou que o conhecimento de Deus poderia ser inferido a partir das evidências de ordem no mundo. Isso sugere que ele aceitou o argumento teológico para a existência de Deus, então bem conhecido para os estoicos e os apologistas gregos. De acordo com este argumento, um conhecimento a posteriori poderia, por uma via natural, validamente levar ao conhecimento de Deus.

Mais cedo, no capítulo, me referi às teorias de Orígenes sobre a trindade e as prováveis influências na teoria das crenças autóctones dos norte-africanos. No entanto, embora a contribuição de Orígenes para a concepção da doutrina pertencesse ao que os teólogos posteriores se refeririam como a cristologia do Logos, foi, de fato, Tertuliano quem, em *Adversus Praxean*, fundou e sistematizou a doutrina da Trindade. Esta obra permanece sendo a mais importante da teologia ocidental sobre a Trindade antes da época de Agostinho.

⁵ Em *Adversus Praxean* (*Contra Praxeas*), 7-8.

⁶ Veja, por exemplo, a defesa de Kwasi Wiredu do que ele argumenta ser não-dualista o conceito Akan de mente (1987: 153-79).

A propósito, Orígenes, Clemente e Tertuliano ajudaram a definir o método catequético cristão de preparar convertidos que foi criticado pelo escritor ugandense Okot p'Bitek em sua forma do século XX. De acordo com este procedimento, o catecúmeno, antes de estar preparado para o batismo, deveria receber instruções sobre os princípios básicos da doutrina cristã, como os ensinamentos a respeito na natureza de Deus e a Trindade; a criação e ordem do universo; o propósito da criação e o lugar dos humanos nela; natureza humana; punição divina para os ímpios e recompensas para os justos; e a misericórdia de Deus para com a humanidade. O catecúmeno deveria aprender a proclamar estes princípios e também recitar “a oração do Senhor” [Pai Nosso]. P'Bitek argumentou que conceitos como o absoluto de Deus e *creatio ex nihilo*, que eram tão centrais para o catecismo, não apenas estavam ausentes da visão de mundo Acholi⁷, como também não faziam sentido dentro da estrutura conceitual Acholi.

Santo Agostinho

Sem dúvidas, o pensador africano mais celebrado da história e um dos maiores pensadores de toda a história, Aurelius Augustinus nasceu de pais berberes em Tagaste (provavelmente a atual Béjaïa na Argélia), uma cidade pequena do norte da África voltada para o Mediterrâneo em Souk Ahras (então conhecida como Numídia). Seu pai, Patrício, era um pagão, enquanto sua mãe, Mônica, era uma cristã. Embora criado como um cristão desde a infância por sua mãe devota, os regulamentos catequéticos postos em prática durante a época de Tertuliano e outros líderes e pensadores anteriores da Igreja impediram seu batismo na infância. Nunca houve nenhuma dúvida entre os historiadores a respeito da etnia berbere de Agostinho. De acordo com Ferguson (1969: 184), não apenas Tagaste era um centro da cultura berbere, mas seu próprio nome, e aqueles de sua mãe e filho, são todos ou berberes, ou derivados de berbere em seus significados. Na visão de Ferguson, enquanto Mônica é certamente berbere, Adeodato, o nome do filho de Agostinho, é sem dúvidas uma latinização Iatanbaal (dado por Deus). Ferguson menciona evidências adicionais da hereditariedade africana de Agostinho (ibid.), incluindo o aparente “estilo de forasteiro” de sua discussão sobre o Império Romano em *A Cidade de Deus* e uma atitude nacionalista africana nas *Confissões*.

⁷ Grupo étnico nilo-saariano (N. da T).

Os primeiros estudos de Agostinho foram feitos em escolas locais, onde ele estudou principalmente latim, retórica, e, depois, em Cartago, também eloquência e uma forma do que hoje se chamaria de artes cênicas. Durante estes anos ele leu as obras de Cícero. Em *Confissões* (III, 4) ele menciona, em particular, o *Hortensius* de Cícero como a fonte de seu despertar filosófico. A respeito seu gosto pelas artes cênicas (teatro) ele confessou que isto era “porque as peças refletiam minha própria infeliz aflição e foram iscas para o meu fogo” (*Confissões* III, 2). A juventude de Agostinho foi preenchida com imprudência aventureira quando ele morava longe de casa. Enquanto em Cartago ele se apaixonou por uma jovem garota com quem ele coabitou e teve um filho, Adeodato. Depois de seu despertar, Agostinho não iria mais aceitar nada nos fundamentos da autoridade, mas isto também deixou o problema do mal impresso em seu pensamento. Isto se tornaria a principal preocupação do resto de sua vida intelectual. Ele voltou a ler as Escrituras, relatou ter entendido pouco delas. Para reprimir sua incerteza, juntou-se ao maniqueísmo, mas em pouco tempo tornou-se aflito com decepções com a incapacidade dos maniqueístas de resolver problemas intelectuais que ele considerava cruciais. Parece então que Agostinho foi afetado desde cedo pela confusão decorrente dos vários sistemas morais e religiosos propagados pelas várias escolas e tradições de seu tempo. Suas *Confissões* iriam mais tarde refletir, em parte, seu repúdio ao maniqueísmo e, em outra parte, sua submissão ao ensinamento cristão misturada com um orgulho nacionalista na espiritualidade de sua cultura autóctone.

Depois de viajar para Roma em 383, Agostinho abriu uma escola de retórica, mas logo a fechou a fim de assumir o cargo de professor municipal de retórica em Milão, no ano seguinte. A essa altura, Agostinho havia perdido quase todo seu acolhimento do maniqueísmo e havia voltado ao ceticismo acadêmico. Em Milão ele descobriu textos neoplatônicos que ajudaram a varrer quaisquer resíduos do maniqueísmo, especialmente a visão materialista da realidade. Ao mesmo tempo, ele foi atraído de volta ao cristianismo e ouviu as homilias de Santo Ambrósio, então Bispo de Milão. Diz-se que foram os textos neoplatônicos – provavelmente aqueles de Plotino – que direcionaram Agostinho para responder a algumas de suas perguntas anteriores. Em particular, ele foi capaz de compreender a ideia como imaterial. Finalmente, ele foi capaz de entender que Deus era uma substância espiritual ao invés de material; que Ele transcende todas as coisas em oposição a ser imanente nelas. Mas se isso estava no nível filosófico, Agostinho dramatiza sua conversão nas *Confissões* (VIII, 12) ao atribuí-la a uma intervenção divina direta na forma da voz de uma criança chamando por ele para abrir e ler as Escrituras

(especificamente, Romanos 13: 13, 14). O drama apresenta a separação entre fé e razão. Apesar de todo seu ceticismo prévio, Agostinho estava agora pronto para aceitar pela fé os ditames do revelado, de um ponto de vista racional, como uma ilusão.

Após sua conversão, Agostinho abandonou a mãe de seu filho Adeodato, largou qualquer pensamento de casamento, e se retirou com sua mãe, filho, e um grupo de seguidores para Cassiciaco (atual Cassago na Argélia) para se dedicar à oração, estudo e diálogo. Em 386 ele havia escrito *Contra Academicos* (*Contra os Acadêmicos*), *De beata vita* (*A Vida Abençoada*), e *De ordine* (*Sobre a Ordem*). No ano seguinte ele escreveu *Soliloquia* e também foi batizado pelo Bispo Ambrósio. Sua conversão havia se tornado completa. A partir de então, após seu retorno à África no verão de 388, Agostinho apresentou uma enxurrada de escritos, a maioria deles destinados a rejeitar as posições intelectuais pelas quais ele fora atraído durante o período tumultuado de sua juventude. O maniqueísmo, em particular, é submetido a várias refutações nessas polêmicas. Em 391 ele foi ordenado sacerdote em Hipona e nomeado bispo ali, no final de 295 ou começo de 396, após a morte do bispo Valério. Para pessoas que desejam se dispensar das homilias exegéticas de Agostinho, suas duas obras mais conhecidas permanecem sendo sua incrível autobiografia, as *Confessiones* (*Confissões*), cujos 13 livros foram escritos em 401, e *De civitate Dei* (*A Cidade de Deus*), que é considerado sua *magnum opus*, escrita entre 412 e 416, em resposta aos novos ataques aos cristãos e sua religião que se seguiram à derrota e pilhagem de Roma pelos Godos (também chamados Visigodos por alguns escritores) em 410.

Filosoficamente, a obra de Agostinho, como a de Tomás de Aquino, vários séculos depois dele, cobriu uma grande variedade de temas. Em todas essas suas posições, como no caso de São Tomás, influenciaram as teorias posteriores. Em *De civitate Dei* (XI, 26), por exemplo, ele escreve sobre a indubitabilidade do eu consciente de uma maneira que claramente prenuncia o *Cogito* cartesiano. Claramente seus objetivos foram totalmente diferentes daqueles sob os quais o *Cogito* surgiu, mas as implicações para a unidade sujeito cognoscente e sobre o status da experiência sensorial em ambos os casos são bastante similares. O “se eu erro, então eu sou” de Agostinho surgiu da necessidade de explicar a divina Trindade, para demonstrar a tripla natureza unitária de nossa própria subjetividade. Ele escreve:

Nós mesmos podemos reconhecer em nós uma imagem de Deus, no sentido de uma imagem da Trindade. É claro, é apenas uma imagem e, de fato, muito remota.... Pois, nós somos, e sabemos

que somos, e amamos ser e saber que somos. E nesta trindade de ser, conhecimento e amor não há sombra de ilusão para nos perturbar... sem nenhuma ilusão de imagem, fantasia ou imaginação eu estou certo de que eu sou, que eu sou, e que eu amo ser e saber... se eu estiver errado, eu existo. Pois, se alguém não existe, não pode de forma nenhuma estar enganado. Porque, portanto, existo se me engano, como poderei enganar-me sobre saber se existo, quando é certo que existo quando me engano?

Similarmente, ele pensou, a unidade de um Deus em três pessoas pode ser compreendida. A unidade da tríplice subjetividade humana participa na superior e perfeita divina Trindade. As outras teorias de Agostinho podem ser derivadas desta posição básica sobre autoconsciência. Seu sistema metafísico é fundado na ideia de que a busca pela verdade é a fundação e tarefa na natureza humana. Ele ensinou que os graus de conhecimento são os graus de nossa elevação espiritual. E isto é realizado por se buscar cada vez mais fundo dentro do próprio interior para transcender a si mesmo. Filosofar é captar a verdade interior, ou seja, adquirir conhecimento da alma e de Deus. Para ele, a verdade não é criada, mas apenas descoberta pela razão; e ela existe por si mesma antes de tal descoberta. É óbvio que Agostinho identifica a verdade interna com Deus e traça uma comparação participativa entre Sua unidade trinitária com a unidade triádica da autoconsciência, que a imita. A influência platônica entra em jogo intenso aqui, na medida em que como Agostinho desenha as gradações da realidade. Nós ascendemos do conhecimento sensível no nível mais baixo para a verdade objetiva interna e eterna no nível mais alto. Razão, *lumen* natural, é inferior e subordinado à verdade, que é seu objeto; mas é também inferior ao *lumen* da inteligência, que tem acesso imediato à verdade pela intuição. Acima da intuição está um *lumen* superior, o *lumen* da graça pelo qual humanos tem acesso a verdades sobrenaturais. Os dois primeiros auxiliam e elevam a razão natural em suas operações. Esta teoria da iluminação como o ato instantâneo pelo qual a razão controla e orienta a percepção sensorial em direção ao conhecimento claramente antecipa a teoria Cartesiana do poder intuitivo e habilidade da mente de discernir as características dos conteúdos (objetivos) verdadeiros da experiência sensível.

A filosofia de Agostinho reflete de perto seu *curriculum vitae* que se move gradualmente das indulgências modestas e imprudentes do mundanismo e as transcende em direção à realização da verdade eterna. Ao fazer esta jornada espiritual, Agostinho percebe que humanos sempre permanecerão humanos mesmo em seus momentos de esplendor. Mas eles passam por uma transformação espiritual, que inclui a percepção racional da verdade objetiva e a resposta passional à chamada para abraçá-la. Neste

sentido, seu sistema é fundamentalmente antropológico e histórico, a partir do qual emana uma consciência da fraqueza humana, limitação, concupiscência, mas também o poder da razão que, quando usado com cuidado e diligência, deveria guiar os humanos à busca pela salvação. Através da razão, humanos têm a fundamental (isto é, metafísica) vocação para conhecer e aceitar Deus. A correlação entre estes dois reinos pode ser resumida com sua famosa fórmula: *intellige ut credas* (entenda para acreditar).

Conclusão

Pode-se aprender várias coisas do esboço anterior das obras e pensamento de Orígenes, Tertuliano e Agostinho. Em primeiro lugar, não é difícil perceber a partir de textos históricos disponíveis, tanto filosóficos quanto gerais, que o interesse na África em seus tempos era concentrava-se quase exclusivamente na formação do cristianismo. Contrário à percepção popular das doutrinas do cristianismo como promulgações divinas, esta história do cristianismo em seus estágios nascentes revela a gradual, e muitas vezes também frágil, construção humana dos artigos da fé. Em segundo lugar, a história revela para nós a contribuição africana na formação do cristianismo como viemos a conhecer. Estes grandes africanos ajudaram a definir alguns dos princípios básicos do cristianismo. É, portanto, irônico que o cristianismo em seu retorno à África, depois de séculos de ausência, seguido de sua derrota e expulsão pelo Islã, de algumas partes da África, parece tão estrangeiro e tão implicado na conquista colonial do continente. A razão é parcialmente sugerida pelo o que se aconteceu com a influência das obras desses pioneiros africanos. Conforme a Igreja crescia e implantava-se na sociedade europeia, seguindo o desafio do Islã, as raízes africanas, das quais cresceu e que a havia moldado em uma instituição equipada doutrinariamente, foram absorvidas pela tradição ocidental, e a Igreja assumiu uma identidade local.

Nos falta o tipo de documentação detalhada e sistematizada de sistemas de conhecimento indígenas na África do primeiro século, que a antropologia tornou disponível sobre povos africanos nas décadas recentes. Um dos resultados desse vazio é a dificuldade de fazer uma avaliação adequada do grau de competição e fertilização cruzada entre o conhecimento local e os sistemas de crença e outros movimentos culturais como o judaísmo e o cristianismo. Várias tentativas foram feitas para dar conta da interação entre as culturas intelectuais africanas ancestrais e suas contrapartes gregas, através do

mediterrâneo. Historiadores cristãos e seculares dos primeiros cinco séculos tendiam a agrupar as culturas africana, grega e romana como pagãs, em oposição à emergente tradição cristã. Uma coisa, porém, é suficientemente clara do trabalho das personalidades que discutimos acima, especialmente vindo de Tertuliano e Agostinho. É que mesmo naqueles estágios iniciais, o cristianismo, e mais tarde o islã, usaram sua visão de mundo monoteísta como um modelo para universalizar seu sistema de crenças. As *Confissões* de Agostinho claramente e fortemente condenam outras formas de vida como “rebeldes”. Embora o livro seja enquadrado em um formato autobiográfico, ele claramente chama para a rejeição das crenças e práticas que estavam em competição com crenças cristãs da época. Através de seus argumentos, o cristianismo gradualmente triunfou sobre os costumes e escolas de pensamento locais e propagou sua própria visão de mundo como fonte de valores morais e cognitivos universais. No entanto, é difícil resistir à impressão de que, com as interações entre, por um lado, ideias e costumes locais e, na outra mão/por outro lado, as tradições cristã, judaica, romana e grega, a atmosfera cultural naqueles dias deve ter sido caracterizada por uma rica diversidade que era desafiadora intelectualmente e moralmente confusa. Para ter uma noção deste meio cultural basta pensar nas condições culturais que recentemente levaram à ascensão de Igrejas africanas independentes no nosso próprio tempo.

Leituras adicionais

Budge, Wallis E. A. (1911) *Osiris and the Egyptian Resurrection*, 2 vols (London: The Medici Society).

Chadwick, H. (1980) *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy* (Cambridge: Cambridge University Press).

Chadwick, H. (1988) *The Early Church* (London: Penguin Books).

Danie 'lou, J. (1955) *Origen*, trans. W. Mitchell (New York: Sheed and Ward).

Dodds, E. R. (1965) *Pagan and Christian in an Age of Anxiety: Some Aspects of Religious Experience from Marcus Aurelius to Constantine* (Cambridge: Cambridge University Press).

Fox, Robin L. (1987) *Pagans and Christians* (New York: Alfred Knopf, Inc.).

Gilson, Etienne (1985) *History of Christian Philosophy in the Middle Ages* (London: Sheed and Ward).

Hanson, R. P. C. (1954) *Origen's Doctrine of Tradition* (London: SPCK).

Hutchins, Robert M. (ed.) (1952) *Great Books of the Western World*. Vol. 18: *Saint Augustine* (Chicago: William Benton Publisher, for the Encyclopaedia Britannica, Inc.; contains complete versions of *The Confessions*, *The City of God*, and *On Christian Doctrine*).

Jaeger, Werner (1961) *Early Christianity and Greek Paideia* (London: Oxford University Press).

Jedin, Hubert (ed.) (1993) *The Early Church: An Abridgement of the History of the Church*, vols. 1–3; trans. and ed. John Dolan (New York: Crossroad).

Laistner, M. L. W. (1951) *Christianity and Pagan Culture in the Later Roman Empire* (Ithaca, NY: Cornell University Press).

Roberts, A. and Donaldson, J. (eds.) (1982) *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 3 (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co.; contains Tertullian's works: *Apologeticum*, *The Soul's Testimony*, *A Treatise on the Soul*, and *The Prescription Against Heretics*).

Rudolph, K. (1983) *Gnosis: The Nature and History of Gnosticism* (San Francisco: Harper and Row).

Schaft, P. and Wace, H. (eds.) (1982) *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, 2nd series, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co.; contains the Origen's following works: *De Principiis* and *Against Celsus*).

Trigg, J. W. (1983) *Origen: The Bible and Philosophy in the Third Century* (London: SCM Press, Ltd.).